

AS DORES DE *PONCIÁ VICÊNCIO* COMO FIGURAS DA OPRESSÃO SOCIAL E DA HERANÇA COLONIAL

Charles Durães¹
Cássio Roberto Borges da Silva²

Resumo: Este artigo propõe uma análise detalhada do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, examinando as múltiplas dimensões do sofrimento vivenciado pela protagonista. A pesquisa se justifica pela necessidade de utilizar a literatura afro-brasileira como via para evidenciar as consequências da herança colonial e da discriminação racial que estruturam a sociedade brasileira. O objetivo é mapear e analisar as dores de Ponciá — englobando as esferas econômica, de trabalho, familiar, de segregação urbana e, especialmente, a crise de identidade — demonstrando como elas resultam da confluência de opressões de raça, classe e gênero. Conclui-se que a fragilidade da identidade de Ponciá, forjada por essa confluência de violências, exige uma leitura que considere as implicações da persistente discriminação social e do racismo.

Palavras-chave: Identidade. Literatura afro-brasileira. Violência. Racismo. Conceição Evaristo.

THE SUFFERINGS OF *PONCIÁ VICÊNCIO* AS FIGURES OF SOCIAL OPPRESSION AND COLONIAL LEGACY

Abstract: This article proposes a detailed analysis of the novel *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, examining the multiple dimensions of the suffering experienced by the protagonist. The research is justified by the need to use Afro-Brazilian literature as a means to highlight the consequences of the colonial legacy and racial discrimination that structure Brazilian society. The objective is to map and analyze Ponciá's sufferings — encompassing the economic, work, family, urban segregation spheres, and especially the identity crisis — demonstrating how they result from the confluence of racial, class, and gender oppressions. It concludes that the fragility of Ponciá's identity, forged by this confluence of violence, demands a reading that considers the implications of persistent social discrimination and racism.

Keywords: Identity. Afro-Brazilian literature. Violence. Racism. Conceição Evaristo.

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGCEL) da UESB. E-mail: charles.duraes@ifpr.edu.br>

2 Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Atualmente é professor titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: cassioroberto.borges@uesb.edu.br>

1. Introdução

Se admitirmos a premissa de que a literatura desempenhou, desde século XVIII, um importante papel na construção das identidades nacionais, atualmente, em posições proeminentes da crítica literária observa-se um interesse acentuado em dimensões éticas e políticas inerentes às exclusões implicadas nesse processo histórico de formação nacional, um processo que havia sido concebido, ordinariamente, como um processo civilizatório. Nesse sentido, desde a implementação da Velha República, em fins do XIX, as narrativas nacionais sobre a história da cultura balizaram-se por modelos colonialistas que tratavam as práticas culturais originárias e afro-brasileiras como componentes primitivos em nossa formação social, como componentes que deveriam ser paulatinamente superados e obliterados. A atual reviravolta na crítica reavalia esse processo de exclusão.

Por meio da palavra escrita, autores e autoras têm dado forma às vozes de grupos marginalizados. Para Kielbaso e Silva (2020, p. 13), a identidade “é histórica e socialmente construída, sendo a participação em redes de relações e o acesso a artefatos culturais imprescindíveis ao desenvolvimento de sua singularidade”, dessa forma, a literatura, concebida como um artefato cultural, contribui para a formação dos sujeitos, permitindo que eles se reconheçam e se identifiquem com as narrativas.

É um fato que a escravidão deixou marcas na sociedade brasileira. O sistema escravista, implementado durante o processo de colonização, além de explorar e desumanizar africanos e povos originários, construiu também uma hierarquia racial que perdura até os dias de hoje. Segundo Madeira e Gomes (2018), as desigualdades enfrentadas pela população negra são resultado direto do legado da escravidão. Dessa forma, a comunidade negra continua a carregar as consequências históricas de um sistema que a desumanizou e a marginalizou.

As consequências da escravidão manifestam-se em diferentes esferas da vida econômica, social e política do país, resultando em exclusão, desigualdade social e racismo.

Assim, a nossa hipótese de investigação presume que a análise de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, publicado em 2003, pode oferecer meios para a compreensão dos processos de construção da identidade negra no Brasil. Ao estudar esse romance, empenhamo-nos em identificar as marcas da escravidão e da exclusão social na construção dessa narrativa. Em mapear, nela, as manifestações do sofrimento, vinculando-as à ausência de políticas efetivas de reparação no pós-abolição brasileiro. Nesse sentido, a análise se dedicará a examinar a segregação urbana e a precarização do trabalho como consequência da discriminação racial. Por fim, o estudo promove uma discussão acerca das crises de identidade que caracterizam a construção do *ethos* da protagonista do romance, compreendendo-o como a manifestação mais aguda das opressões estruturais que afetam a composição dessa personagem.

2. Escravismo; Identidade; Sofrimento.

A maior parte dos estudos críticos produzidos, até o presente momento, a respeito de *Ponciá Vicêncio* concentra-se em questões relacionadas à memória, ao racismo, ao feminismo, à literatura afro-brasileira e à ancestralidade. Encontramos também alguns estudos dedicados à questão da identidade negra. Em linhas gerais, tais estudos correlacionam a herança escravista, a quebra de vínculos ancestrais e a memória do sofrimento. Cardoso (2020, p. 13), por exemplo, ao abordar a crise identitária de Ponciá Vicêncio, comenta:

O primeiro confronto da menina com o vazio é aquele a respeito da sua própria identidade, e a acompanha até a vida adulta. [...] O passado de

escravização pelo qual havia passado a família de Ponciá marcava sua história, assim como o acento agudo marcava o seu nome. Escrevê-lo era rememorar uma dor. Seja na linguagem oral ou na linguagem escrita – foi a primeira da família a aprender ler e escrever – o nome Vicêncio lembrava-a do esvaziamento identitário que os seus sofreram na condição de escravizados, tendo sido sequestrados de suas verdadeiras terras, roubados de seus verdadeiros nomes, e tendo passado a ser posse de um senhor, e a serem chamados pelo nome deste.

A sensação de vazio que acompanha Ponciá desde a infância está ligada à sua ancestralidade obliterada. Por conseguinte, a falta de conhecimento acerca de suas origens e o nome imposto geram um sentimento de incompletude e deslocamento. Em outras palavras, esse “vazio sentido por Ponciá e o desejo de viver uma realidade diferente fazem com que a personagem tente refúgio em sua imaginação, pois a dureza da realidade que se impõe hoje e, em outrora aos seus antepassados, é ofensiva demais” (Vieira, 2021, p. 120). Revelam-se, assim, as profundas cicatrizes deixadas pela escravidão na configuração psíquica da personagem e de sua família:

De fato, as experiências coloniais que atravessam sua constituição familiar a sequestram do agora, mas, se de um lado elas mantêm o corpo presente de Ponciá inerte, por outro, movimentam uma série de estruturas opressivas que jazem escondidas na memória. É a ação de reelaborar tais memórias, expondo-as, que representam uma possibilidade de novos inícios (Miranda, 2019, p. 201).

A narrativa de Conceição Evaristo demonstra como o peso do passado colonial, sequestrando a personagem do universo de percepção relativo à experiência presente, paradoxalmente, mobiliza uma série de estruturas opressivas que se encontram latentes na memória. A inércia de Ponciá, mencionada por Miranda (2019), contrasta com a agitação das memórias que a assombram. Assim, a experiência da servidão, embora possa parecer adormecida, exerce influência no presente da personagem, afetando suas possibilidades de

ação.

Marcelino elabora um argumento semelhante, considerando as mutações na percepção da personagem em relação a sua identidade em diferentes momentos de sua vida: “Ponciá Vicêncio cresceu acreditando que a mãe mandava nos homens da família, então, sentia-se feliz em sua identidade feminina” (Marcelino, 2016, p. 45), ela inclusive tinha medo de virar um menino, isso, ao ouvir lendas sobre passar debaixo do arco-íris, “naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina” (Evaristo, 2017, p. 13). Mas com o passar do tempo isso mudou. A menina que “gostava de ser ela própria” (Evaristo, 2017, p. 13), quando adulta, “sentia-se ninguém” (Evaristo, 2017, p. 18). Uma das causas dessa mudança foi a compreensão do sentido de seu próprio sobrenome: “a jovem desvelava a angústia de não se reconhecer em seu sobrenome por saber que ele não estava conectado a seus antepassados, que era um registro de posse dos antigos senhores dos seus pais” (Marcelino, 2016, p. 45). Assim, a desvinculação de suas raízes, representada pelo sobrenome imposto, gera uma crise de identidade em Ponciá, que passa a questionar sua própria existência e lugar no mundo:

A busca de sua identidade estava relacionada a conhecer a história de sua origem, as vivências de seus antepassados, que foram subtraídos da liberdade de criar, do exercício do poder, do conhecimento, enfim, do status de humano, para serem tomados como meras peças de trabalho (Marcelino, 2016, p. 45-46).

A escravidão desumanizou milhões de africanos e indígenas, reduzindo-os à condição de mercadoria. Usurpados de suas terras e famílias, os africanos escravizados foram transportados em condições subumanas para a América. Sem direitos e considerados inferiores, eram forçados a realizar as tarefas mais árduas

nas plantações e na mineração. Essa condição de objeto, de “peças de trabalho” (Marcelino, 2016, p. 46), foi reforçada pela legislação escravista, que negava aos negros qualquer tipo de direito. A desumanização do escravo era completa, envolvendo não apenas a separação das famílias, mas também a proibição de práticas religiosas e culturais.

A respeito da relação entre a manifestação cultural e a identidade coletiva, Fanon (2008, p. 135) afirma:

Fora algumas falhas surgidas em ambiente fechado, podemos dizer que toda neurose, todo comportamento anormal, todo eretismo afetivo em um antilhano resulta da situação cultural. Em outras palavras, há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence.

Nesse trecho, o autor discute a intrínseca conexão entre a cultura e a manifestação de neuroses e comportamentos considerados anormais. A premissa central reside na ideia de que a situação cultural, compreendida como um conjunto de valores e proposições, disseminados por meio de diversas plataformas, molda a visão de mundo da coletividade e, conseqüentemente, influencia a constituição das subjetividades.

Lima (2022, p. 22) concorda com esse pressuposto ao afirmar que “esse sentimento de crise identitária”, presente em Ponciá, “é uma consequência da desvalorização da identidade do negro perpetuada por séculos pelos colonizadores e seus descendentes brancos”. Essa desvalorização, fruto de um sistema que negou aos negros a possibilidade de construir uma identidade própria, leva Ponciá, inicialmente, a não se perceber como um indivíduo diferenciado. A ausência de autorreconhecimento, consequência dessa crise identitária, impede a protagonista de

reconhecer suas particularidades e de construir uma narrativa própria (Lima, 2022).

“Quem era Ponciá? De onde ela veio? Quem são os seus antepassados? O que se sabe por meio de seu nome é que seus avós serviram a um tal coronel Vicêncio. E nada mais” (Costa, 2007, p. 78). Esses questionamentos adquirem um significado contundente quando enunciados por indivíduos descendentes de escravizados que sofreram os efeitos da colonização. Isso porque a ausência de registros históricos de seus ancestrais, a imposição de sobrenomes de seus antigos senhores brancos e a sistemática negação de sua história e cultura constituem a devastação dos referenciais identitários das populações escravizadas e de seus descendentes. Dessa forma, “esses traços compõem uma história que não pertence apenas a ela”, Ponciá Vicêncio, eles compõem uma história que “traduz a experiência de muitos e muitas Ponciás” (Costa, 2007, p. 78):

A identidade em conflito é uma das características das literaturas negras e também é presente nas obras de Conceição Evaristo, como mais uma consequência da violência. Ela retrata esse conflito, por meio da desidentificação consigo mesma da protagonista, retratando, assim, a realidade de um povo do qual foram arrancados a identidade pessoal, os costumes e o direito à comunidade, de forma violenta. A personagem Ponciá Vicêncio apresenta essa desidentificação consigo, primeiro, pelo seu nome, que Ponciá para ela não tem significado e Vicêncio para ela parece ainda pior, pois é o nome dos coronéis, donos das terras onde eles viviam; assim, ela e sua família sendo livres, ainda são propriedades dos donos das terras (Ferreira, 2024, p. 151).

A ausência de identificação apresentada por Ferreira (2024) pode ser entendida como consequência deixada pelos traumas sofridos pela protagonista e por seus antepassados, visto que a impossibilidade de construir uma identidade gera um sentimento de desenraizamento e de perda. Para Ferreira (2024), o caso de Ponciá parece ainda mais chocante no momento em que ela pede ao seu esposo “que não a chamasse

mais de Ponciá Vicêncio” (Evaristo, 2017, p. 19) e, quando ele pergunta de que forma deveria chamá-la, ela responde “que lhe poderia chamar de nada” (Evaristo, 2017, p. 19). Essa absoluta negação da identidade, expressa na recusa de qualquer nome, é um sintoma do trauma histórico sofrido pelas gerações de africanos escravizados no Brasil.

Ressalta-se que, “em Ponciá Vicêncio, as problemáticas da identidade e da memória se articulam por meio da história, do tempo e do espaço narrativo” (Cruz; Melo; Rocha, 2024, p. 103), constituindo a tessitura central da obra. A busca de Ponciá por suas raízes e por um sentido de pertencimento se desenvolve em um espaço marcado pela violência da escravidão e pela diáspora, e é narrada a partir de um tempo fragmentado, entrelaçando passado e presente. A memória emerge como elemento fundamental nesse processo, revelando tanto as marcas da opressão quanto a necessidade de resistir, abrindo caminho para a reconstrução de uma identidade devastada pela violência colonial a fim de se reconectar com a ancestralidade.

3. As dores de Ponciá

A narração em *Ponciá Vicêncio* inicia-se com a protagonista em devaneio, lembrando seu passado – ação que será repetida em diversos momentos durante a trama. A personagem que dá nome ao livro é uma mulher negra e de origem humilde. Após o falecimento de seu pai, ela parte para a metrópole, na esperança de construir uma nova vida, entretanto, seu passado permanece vivo em suas lembranças, que foram marcadas por inúmeras dores.

A dor da miséria, aliada a tantas outras experiências vividas por Ponciá, foi um dos motivos que levaram a personagem a aspirar pela saída do campo:

Ponciá Vicêncio [...] estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. *Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias.* Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova (Evaristo, 2017, p. 30, grifos nossos).

Vale destacar como a infância de Ponciá foi marcada pela exploração: seja na terra dos brancos, em que as “mãos vazias” representam a falta ou a recompensa insuficiente por seu trabalho; seja na terra dos negros, em que a maior parte do que era produzido ficava com os brancos. Essa dicotomia entre aqueles que estavam fadados a “amanhecer cada dia mais pobres” e os que “conseguiam enriquecer a todos os dias” torna evidente a desigualdade social e econômica vivida pelos negros nas fazendas que, no passado, foram o cenário da escravidão.

As aspirações de Ponciá iriam esbarrar em outros obstáculos, que começam a ficar evidentes já no momento em que ela embarca no trem rumo à cidade grande, levando consigo apenas uma pequena trouxa:

A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem, que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura, que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino (Evaristo, 2017, p. 32).

A jornada enfrentada por Ponciá com destino à cidade aponta barreiras que as pessoas marginalizadas precisam enfrentar quando tentam alcançar a justiça social. Tinha apenas uma trouxa de roupa, fome e esperança. Embora sonhe em “traçar o seu destino”, sua vida já fora marcada por inúmeras situações que limitarão

as suas possibilidades de inserção social.

As dores da protagonista manifestam-se também nos relacionamentos familiares. Inicialmente, a obra evidencia o distanciamento que havia entre ela e seu pai:

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era o tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda (Evaristo, 2017, p. 16).

A imagem do pai ausente, ocupado constantemente com afazeres nas terras dos brancos, é uma consequência das condições de trabalho e exploração a que os negros foram submetidos mesmo depois da escravidão. As mulheres negras, por sua vez, durante a escravidão, sofriam uma dupla exploração: além de terem sua força de trabalho explorada no campo e nos afazeres domésticos, ainda eram cuidadoras dos filhos daqueles que as exploravam. Essa rotina trazia como consequência a dificuldade de conciliar o trabalho com a criação dos seus próprios filhos, que acabavam ficando em segundo plano.

Segundo Carrijo e Martins (2020), para as mulheres negras, à violência de gênero adita-se um agravante: a violência racial. A soma desses dois tipos de opressão potencializa o sofrimento delas, demandando a necessidade de uma atenção diferenciada. Carrijo e Martins (2020, p. 3) refletem sobre as consequências da violência racista:

A primeira face da violência racista tende a destruir a identidade do sujeito negro, motivando uma perseguição ao próprio corpo. Através da internalização de um Ideal de Ego branco, o sujeito negro é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo, o qual tenta alcançar mesmo à custa de sua felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico.

Nota-se que a ideia principal é que a violência racista não se limita a violência física, ela atua principalmente numa dimensão psicológica, desconstruindo a autoimagem e a autoestima do indivíduo negro e, conseqüentemente, causando a destruição de sua identidade. A mulher negra passa a ter a sua mente e o seu corpo transformado em um campo de batalha, em que são travadas as lutas pela identidade e pelo reconhecimento.

Outra dor que se manifesta nas personagens de *Ponciá Vicêncio* resulta da restrição do acesso à educação. Isso fica evidente, por exemplo, quando o romance trata o primeiro contato da personagem principal com as letras:

Por aqueles tempos, pelo interior andavam uns missionários. Um dia a notícia correu. Eles iriam demorar por ali e montariam uma escola. Quem quisesse ir aprender a ler, poderia. Ponciá Vicêncio obteve o consentimento da mãe. Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mal da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra. Ponciá Vicêncio vencida as dificuldades. Aprendeu o abecedário, conhecia as letras em qualquer lugar. [...] Começou a formar a sílabas e, quando já estava formando as palavras, a missão acabou. [...] Quando os padres partiram, depois de terem cumprido todos os seus ofícios, Ponciá logo percebeu que não podia ficar esperando por eles, para aumentar o seu saber. Foi avançando sozinha e pertinaz pelas folhas da cartilha. E em poucos meses já sabia ler (Evaristo, 2017, p. 25-26).

Maria Vicêncio, a mãe de Ponciá, era uma mulher negra e pobre que deixou para sua filha a herança de trabalhar com o barro. A esperança dela, ao saber da missão dos padres, remete a um grave problema: a ausência de políticas que poderiam garantir o acesso à educação. Embora tenha sido uma conquista histórica, a abolição da escravidão não significou o fim das desigualdades raciais e sociais no Brasil. Pelo

contrário, os negros, depois de libertos, viram-se em uma situação de extrema vulnerabilidade, sem acesso a serviços básicos, como saúde, educação ou habitação.

Segundo Santos Filho, Caixeta e Silva (2024, p. 5),

os discursos sobre o negro numa República saída da abolição da escravatura [...] frequentemente continham pressupostos racistas formados na duradoura tradição escravista e colonial. Tendo dado fim à monarquia brasileira, a República (1889) radicalizou o status quo colonialista da discriminação racial, criminalizando as práticas e os corpos dos negros. Além disso, criou condições institucionais para a implementação de projetos eugenistas de imigração de brancos ou branqueados, que formaram os segmentos da população destinados a ter acesso aos benefícios das políticas públicas do novo regime.

Vale ressaltar pelo menos dois pontos a partir do excerto: o desejo de implementação de projetos eugenistas e a desigualdade institucionalizada. O primeiro ponto evidencia que, apesar de oficialmente finda a escravatura, o pensamento racista perpetuou-se durante a instauração da República. Os ideais eugenistas tinham como objetivo “branquear” a população, o que demonstra a intenção de propagar a supremacia branca. O segundo mostra que as políticas públicas da República foram desenhadas para beneficiar a população branca, impossibilitando o povo negro de ser atendido pelo poder público. Como consequência da falta de atuação do Estado brasileiro na integração dos recém-libertos, perpetua-se a desigualdade – e não só no que se refere à educação, mas também à renda, à saúde e à segurança –, a contínua sub-representação na política e na tomada de decisões e a dificuldade de mudança social – por conta da baixa taxa de qualificação profissional. Santos Filho, Caixeta e Silva (2024, p. 6) reiteram essa ideia ao afirmarem que “a abolição [...] não pode ser entendida como fim de desigualdades sociais e de práticas discriminatórias estruturais em nossa

sociedade”. Assim, mesmo após a abolição, ao limitar o acesso do negro à educação, as elites republicanas brasileiras negaram um direito fundamental ao povo preto. Isso comprova a desigualdade socioeconômica atual como um legado histórico.

Uma outra carência recorrente na trajetória do negro brasileiro após a abolição da escravatura, relatada em *Ponciá Vicêncio*, refere-se às oportunidades de emprego. Além de todo trabalho enfrentado nas fazendas, quando os negros decidiam migrar do campo para a cidade, eram levados a subempregos, deparando-se com situações semelhantes àquelas que sofriam nas fazendas. Ponciá incomodava-se com a postura de sua família que relembrava e repetia os casos infelizes de negros que foram para a cidade e acabaram sofrendo. Essa postura colocava em evidência o receio instaurado por tantos e tantos casos de dor, com os quais os seus antepassados tiveram que conviver:

Viviam contando o acontecido com Maria Pia. A moça havia se contaminado com uma doença do filho do patrão. O rapaz estava mal e falou de amor com ela. Ela queria, ela queria. Não precisava de ninguém saber, principalmente os pais deles. Podia ser ali mesmo, no quarto dela, nos fundos da cozinha. E o Raimundo Pequeno? Enganou-se com os amigos, crendo neles e seduzido pelo dinheiro que chegava tão rápido, aceitou vender tudo que eles traziam. Chegou até a levar algumas coisas para a roça. Tudo muito bonito. Cortes de fazenda, enxoval, roupas, relógios, bolsas e até um rádio. Soube-se depois que os amigos de Raimundo fugiram e ele havia sido preso. Outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada. Perdiam o pouco que tinham e ali mesmo viravam mendigos. Outros não conseguiam trabalho ou ganhavam pouquíssimo e não tinham como viver. A vida se tornava pior do que na roça (Evaristo, 2017, p. 32-33).

A história de Maria Pia traz à tona a maneira como as mulheres negras são vistas e tratadas. A falta de boas oportunidades e a vulnerabilidade social as tornam presas fáceis para a exploração sexual. Ela é colocada em um lugar de objeto de desejo e não como sujeito de direitos. A história de Raimundo Pequeno,

por sua vez, mostra como muitos negros, por falta de acesso ao emprego, assumem o risco de funções ilegais, sendo levados à criminalidade. Segundo Sousa e Silva (2007), devido à falta de acesso à educação, o negro continua a exercer trabalhos pouco remunerados, com menos valor social e simbólico. Assim, a desigualdade social e racial se mantém ao longo dos tempos.

Outro tema diz respeito ao acesso às terras. O livro relata que, após a abolição da escravidão, os negros da fazenda onde os Vicêncio eram escravizados chegaram a receber terras “doadas” pelos seus antigos senhores. O que parecia ser uma dádiva mostrou-se como correntes que os mantinham presos aos seus antigos senhores. Além disso, a produção final dessas terras ainda deveria ser dividida com os brancos:

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (Evaristo, 2017, p. 42).

A autora evidencia a ilusão de liberdade – limitada e condicionada – que muitos negros experimentaram após a assinatura da Lei Áurea. O acesso limitado às terras foi utilizado como uma estratégia que tinha como objetivo manter o controle da força de trabalho dos negros. Comparar o jugo a um “Deus” simboliza a permanência do poder nas mãos de uma minoria branca e da dominação sobre os libertos.

A liberdade formal dos negros não foi acompanhada de uma política pública de redistribuição de terras e, tampouco, de igualdade social. Serem abandonados pelo Estado, à mercê da boa-vontade dos seus antigos senhores, era o mesmo que condená-los à continuidade da dominação exploratória. Isso porque a terra, para os negros, representava muito mais do que uma fonte de renda ou um meio de produção. Ela simbolizava a própria liberdade que tanto desejavam, a autonomia que nunca tiveram e a emancipação de sua própria identidade. Por conseguinte, ao serem privados desse direito, os negros se viram mantidos em uma condição de dependência e vulnerabilidade.

Nessa narrativa de Conceição Evaristo, as personagens representam os estereótipos usualmente associados à população negra, denunciando, dessa forma, certos padrões de comportamento que contribuem para resiliência de estruturas racistas na sociedade brasileira. Nesse sentido, Luandi, o irmão de Ponciá, configura-se como um exemplo emblemático. Quando ele chega à cidade, não tem para onde ir e resolve passar a noite na estação de trem, entretanto, foi acordado por um soldado chamado Nestor, que também era negro. O soldado Nestor conduziu Luandi à delegacia, que passa a noite enclausurado numa cela. Para Stoll (2019, p. 5):

essa abordagem é comum para as pessoas negras, tratadas como criminosas nas ruas. Na contemporaneidade, ocorre um encarceramento em massa da população negra, que, assim como a segregação urbana, tornou-se outra forma de afastar a parte da população que é tida como pobre, indesejável e perigosa.

Note-se que há um discurso, socialmente construído, responsável por associar a população negra à criminalidade e à violência. No dia seguinte, contudo, após passar por um breve interrogatório e comprovada a sua inocência, a trajetória dessa personagem passa

por uma peripécia: ele consegue um emprego na delegacia, iria cuidar do trabalho pesado: limpar, varrer, fazer a higiene do ambiente. Desde então, Luandi passou a dormir todos os dias naquele lugar, “fez dali a sua casa” (Evaristo, 2017, p. 67).

Inspirado por Nestor, Luandi, sonhava em ser soldado. Ele surpreendentemente declara a sua motivação: “queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos” (Evaristo, 2017, p. 61-62). Isso reflete um desejo de poder, de possuir autoridade. Esse episódio destaca o processo de desconstrução da identidade e a busca por reconhecimento numa sociedade racista e marcada pelo processo de colonização.

Para Paslawski (2024, p. 32), “Luandi, em relação ao homem branco, busca alcançar sua posição de opressor, imitando seus atos. No decorrer da obra, irá perceber seu lugar e não reconhecimento por completo a essa norma mítica imposta”, o que significa afirmar que a personagem chegará, após muitas experiências, a acolher a ideia de que esse padrão idealizado de poder, associado historicamente à figura do homem branco, não o define.

Fanon (2008, p. 60), em suas análises a respeito da alienação do negro, entende que, para o negro alienado “só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento”. Esse mundo branco pode ser entendido como um espaço de privilégios, oportunidades e poder.

A busca de Luandi, marcada pelo desejo de aproximação de padrões brancos, é fruto da internalização de uma imagem negativa de si próprio, do homem preto. Assim como Luandi, muitos negros são impelidos a adotar comportamentos predominantemente

associados à cultura dominante. Essa seria uma forma de angariar status social, visto que os atributos dos homens negros não são bem quistos pela sociedade racista. Fanon (2008, p. 188) é enfático ao afirmar que “o negro quer ser como o branco”, sugerindo que o negro foi induzido a internalizar os padrões estabelecidos pela sociedade branca.

Essa reflexão nos leva à última das dores vividas pelos personagens em *Ponciá Vicêncio* a ser destacada neste texto: a identitária. Ponciá, desde menina, mostrava não reconhecer a si própria:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (Evaristo, 2017, p. 18).

De certa forma, essa experiência de Ponciá ecoa o que fora vivido por muito negros ao longo da história: que tiveram a sua identidade negada ou desvalorizada. Considerados objetos pertencentes aos “Vicêncio”, ela e sua família tiveram seu próprio “eu” apagado. Mais tarde, como consequência, já casada e vivendo na cidade grande, ela diz ao seu companheiro que ele a “poderia chamar de nada” (Evaristo, 2017, p. 19). A angústia por conta de um nome que a representasse era apenas uma figura da crise identitária vivida por Ponciá. Sem identidade própria, ela vivia com a sensação de ser uma mera sombra “e como o nome marca a identidade, o desejo de outro nome torna o processo de identificação mais problemático” (Vojvoda, 2024, p. 24).

A personagem chega a demonstrar o

desejo de conhecer mais acerca do seu próprio povo, de “levantar algumas histórias do passado” (Evaristo, 2017, p. 24). Essa busca por um passado que lhe foi negado, por suas raízes, demonstra o desejo de reconstruir a história do seu povo e de se conectar com uma identidade que fora sequestrada antes mesmo de nascer. O que deixa evidente que “os sonhos de emancipação existiam, mas faltava-lhe a identidade” (Leitão, 2023, p. 65).

Resende; Santos; Barbosa (2021, p. 86) destacam que “é importante destacar que a personagem Ponciá Vicêncio, enquanto mulher negra que busca uma identidade, representa uma tentativa de fuga do estereótipo que cerca a personagem feminina negra, que é convencional e disseminada pelas visões sexistas e racistas”. Por isso, a literatura de Conceição Evaristo se torna fundamental para a visibilização das experiências das mulheres negras e para a construção de novas narrativas que tratam da identidade negra feminina.

4. Conclusão

A análise da obra de Conceição Evaristo revela a importância de se considerar a formação da identidade negra no Brasil. Nessa perspectiva, ao reconhecer a interação entre diferentes marcadores sociais, seria possível compreender como a experiência de ser negro no Brasil é moldada por múltiplas formas de opressão e desigualdade. O estudo dessas relações, portanto, não apenas ilumina as especificidades da identidade negra, como também revela os desafios enfrentados por homens e mulheres negras em diferentes contextos sociais e econômicos. A análise da obra de Evaristo nos convida a repensar as formas tradicionais de entender a identidade e a luta por justiça social.

Ademais, a apreciação da obra revela que as dores da protagonista não são meras

adversidades individuais, mas sim a manifestação somatizada de uma herança colonial que permanece incrustada na sociedade. Ao longo deste estudo, observamos que a trajetória de Ponciá e de sua família dramatiza o pós-abolição brasileiro, um período marcado por uma liberdade puramente formal que não se traduziu em autonomia material para a população negra.

A “dor identitária” que atravessa a narrativa – simbolizada pelo vazio de um sobrenome que pertence ao antigo senhor de terras – evidencia como o processo de apagamento da ancestralidade é a base da opressão na estrutura social. O “sentir-se ninguém” de Ponciá não é uma falha na formação de seu caráter, mas o resultado de um sistema que, como pontuou Fanon (2008), impõe ao sujeito negro um ideal de ego branco inalcançável e alienante. Essa crise de identidade é alimentada pela precarização do trabalho e pelo acesso restrito à educação, onde o “aprender a ler” surge como uma tentativa de fuga de um destino pré-traçado pela “mão vazia” do campo.

Além disso, a análise evidenciou que o racismo se transmuta e se adapta: se antes ele se manifestava nos açóites, na contemporaneidade da trama ele se apresenta na segregação urbana, na violência policial, que seduz e encarcera figuras como Luandi, e na exploração sexual e social de mulheres como Maria Pia. A “varinha de condão” da Princesa Isabel, como é referida na obra, é tida como um instrumento de perpetuação de poder, que trocou as correntes visíveis por amarras invisíveis de dependência econômica e psicológica.

Portanto, ao concluir a leitura e a análise de *Ponciá Vicêncio*, reconhecemos a literatura como um espaço em que é possível denunciar as mazelas da sociedade. Nesse sentido, a escrita de Evaristo – sua “escrevivência” – permite que o “vazio” sentido pela protagonista comece a ser preenchido pela memória e pela busca da ancestralidade. Ao mapear essas dores, o

romance não apenas evidencia especificidades da identidade negra, mas convoca o leitor a repensar as estruturas da sociedade brasileira e, ainda, nos faz refletir acerca da verdadeira liberdade: um processo ainda em curso, que exige a descolonização do pensamento, do trabalho e do próprio nome.

Referências

CARDOSO, Loyde. Um ponto de vista situado para o vazio em Ponciá Vicêncio. In: RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva. Reflexões sobre as escrituras de Conceição Evaristo. Curitiba: Bagai, 2020.

CARRIJO, Christiane; MARTINS, Paloma Afonso. A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/8t85xSSKbjtwkJzxpqtq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

CONCEIÇÃO, Francis Willams Brito da. Colonialidade do espaço e espiralidade em Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20741/1/cisWillamsBritoDaConcei%03%0a7%0c3%0a3o_Dissert.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.

COSTA, Renata Jesus da. Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13066/1/Renata%20Jesus%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

CRUZ, Edna Sousa; MELO, Eduardo Oliveira; ROCHA, Kátia Carvalho da Silva. Uniformes e espelhos: identidade e memória em Machado de Assis e Conceição Evaristo. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande/MS, v. 1, p. 95-110, jan./dez. 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/22073>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Rosineia da Silva. E tamanha foi a crueldade dele: representações da violência em Conceição Evaristo. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/50591/1/RosineiaDaSilvaFerreira_TESE.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2024.

GOMES, Laurentino. Escravidão: da independência do Brasil à Lei Áurea. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

KIELB, Eliziane Gorete; SILVA, Ivone Maria Mendes. Acesso à leitura e narração de contos de fadas na primeira infância: implicações para a formação identitária e a constituição das crianças como sujeitos sociais e de conhecimento. Pensares em Revista, São Gonçalo/RJ, n. 18, p. 9-30, 2020. Disponível em: <<https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/fc757a76d651e11edbe6e5141d3afd01c/acesso-a-leitura-e-narracao-de-contos-de-fadas.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

LEITÃO, Madalena Brito Almas Simões. Memória, servidão e liberdade: uma leitura de Ponciá Vicêncio e de Afuera crece un mundo. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparatistas) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/61515/1/ulflmbasleitao_tm.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

LIMA, Livia Ribeiro de Souza. Sujeitos em trânsito: desenraizamento identitário em Conceição Evaristo e Orlanda Amarílis. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/bitstream/10482/45845/1/2022_LiviaRibeirodeSouzaLima.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2024.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/Fm9mMVWTJnwqP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MARCELINO, Jacqueline Laranja Leal. Mulheres negras: tradições orais, artes, ofícios e identidades. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/ec5f39c0-1788-4d98-9e6e-cc73a978e2f0/content>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-26062019-113147/publico/2019_FernandaRodriguesMiranda_VCorr.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PASLAWSKI, Luana Gabriela. Os homens

negros em Ponciá Vicêncio e Canção para ninar menino grande, de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro De Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/6810db_9f-bed2-424d-8152-0b121a6981be/content>. Acesso em: 17 set. 2024.

RESENDE, Joelma de Araújo Silva; SANTOS, Raimunda Maria dos; BARBOSA, Wilson Ferreira. Identidade feminina em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Revista Desenredos*, ano XIII, n. 36, Teresina – PI, 2021. Disponível em: <<http://desenredos.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Desenredos-36.pdf#page=78>>. Acesso em: 17 set. 2024.

SANTOS FILHO, Adão Ferreira dos; CAIXETA, Maryllu de Oliveira; SILVA, Cássio Roberto Borges da. Manuel Querino e a questão racial no Brasil republicano. *Cadernos Cajuína (Revista Interdisciplinar)*, [s.l.], v. 9, n. 4, 2024. Disponível em:

<<https://doi.org/10.52641/cadcajv9i4.538>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

SOUSA E SILVA, Assunção de Maria. Ponciá Vicêncio, memórias do eu rasurado. In: DEALTRY, G.; LEMOS, M.; CHIARELLI, S. (Org.). *Alguma prosa ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 73-83.

STOLL, Daniela Schrickte. Três formas de segregação urbana e racial em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 58, e5812, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/kxgkLLkkLt9BZvsQrGdv3w/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

VIEIRA, Simone dos Santos Pinto de Assunção. *Rememorações e escrituras*

na construção identitária de Ponciá Vicêncio. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, v. 34, nº 1, p. 113-122, jul-dez de 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/16622/12251>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

VOJVODA, Marija. Representações da identidade no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. Tese (Mestrado em Língua e Literatura Portuguesa) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Zagreb, Zagreb, 2024. Disponível em: <<https://repositorij.unizg.hr/islandora/object/ffzg%3A11962/datastream/PDF/view>>. Acesso em: 17 set. 2024.

Submissão: fevereiro de 2026

Aceite: abril de 2026